



9ª EDIÇÃO



CC 2026

www.revistaupile.com

UPILE REVISTA

NOSSOS SERVIÇOS

**COBERTURA DE EVENTOS
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;
BRANDING E PRODUÇÃO DE
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE
COMUNICAÇÃO E
MARKETING
(INSTITUCIONAL OU
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com



Você não fotografa com sua máquina. Você fotografa com toda a sua cultura.” — Sebastião Salgado

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 9ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Revista Upile

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 40

Número de Páginas: 62

Ano: 2026

SUMÁRIO



ENTREVISTA

08



ARTES & VIDA

15



COLUNA

21



DEVANEIOS

27



MINHA BIO

36



ENTRE – VERSOS

39



RESENHA

44



TURISMO & LAZER

46

Caros leitores,

Agosto abriu as suas páginas no calendário e a Upile, fiel a si próprio, contabiliza a 9ª edição, onde do alto das memórias, olha o presente com os olhos de futuro.

Esta edição é um encontro de olhares. Nas artes plásticas, recebemos as cores e as formas do artista Gerónimo Camoto, cuja exposição nos lembra que cada pincelada é também um grito de identidade. Na fotografia, a lente do brasileiro Manoel Santana congela instantes e transforma o efémero em eternidade, convidando-nos a ver o Moçambique com outros passaportes.

E porque a cultura também se faz de vozes, prestamos homenagem a Fernando Damas, um homem da comunicação, mas sobretudo um apaixonado pelas raízes do seu povo. O seu legado recorda-nos que informar é também preservar, e que narrar o país é um acto de amor.

Assim, entre tintas, imagens e palavras, esta edição da Upile reafirma o seu compromisso: guardar o que somos, celebrar o que fazemos, e inspirar o que ainda havemos de ser.

Continua a ser um prazer levar até a si cada uma dessas memórias.

Obrigada, em nome de todos os géneros literários, como somos.

Geraldina Paia Gueze



ENTREVISTA

“SOU REVOLUCIONÁRIO E LUTO PELA UNIDADE NACIONAL ATRAVÉS DO HIPHOP, MINHA ARTE”

Pier Dogg



Há propósitos cuja moradia encontra-se em cada parte de nós. Órfão de egos, a Unidade Nacional é um desses propósitos, parida do conforto e odor das trincheiras; gerada em trilhas de calçados alheios, revelando se com tempo, filha de todos partos, inclusive do Ritmo, Arte e Poesia (RAP). Hoje, tornou-se movimento, sustenta uma causa, nutre almas e alimenta sonhos que superam parentelas.

Assim foi; assim, tem sido a vida de António Rodolfo Guerra, de quem nem o cordão umbilical perdido algures em chiveve, foi forte bastante para limitar a maratona de mais de duas décadas de dedicação ao HipHop. Pier Dogg, hoje simboliza a causa, a missão, o comando, o movimento.

Homem de uma visão à margem da maioria, Pier Dogg começa o RAP na terra natal, Beira, onde através do Mega Show, os sintomas da promoção da Unidade Nacional ganham corpo com o eco de músicas de rappers de todo país no seu programa. Com a ida à Maputo em 2006, o matrimónio entre os estudos e o RAP, pariu formação académica e deu vida ao movimento.



Movido pela abrangência e inclusão, o também ilusionista, fez da magia o encanto e inicia o programa radiofónico "Radiação HipHop", para acomodar músicas de artistas de fora de Maputo, na maioria sem vídeos clipes para alimentar o seu programa televisivo "Marcas de HipHop", sempre com o diferencial do produto nacional.

O rapper e empreendedor cultural, conta à Upile que o embrião do Festival Nacional do HipHop foram transmissões do "Live Show" no programa Marcas do HipHop, que envolviam artistas de todo país. Com tempo, o espaço, as exigências e a missão, pediram palco e sonhos ainda maiores, e junto do Drácula e outros tropas do movimento, 2015 foi o ventre que deu luz ao 1º Festival.

Durante a trajetória de 11 edições, não foi apenas do festival que Pier Dogg se fez. O Mozambique HipHop Awards em duas edições, foi outra iniciativa que apesar do aborto prematuro por razões financeiras, valorizou a causa.

O fraco financiamento às artes, sobretudo a cultura HipHop, precipitou o infortúnio. Ainda assim, o festival mostra se resiliente e entre as edições, o mentor da iniciativa destaca a 9ª, por literalmente ter juntado rappers de todas províncias, a 10ª e 11ª, por dar sequência às homenagens de 34 e 30 artistas, respectivamente.

Anúncios e Apoios: 840565540/870291651



Ano após ano, Pier Dogg e seus soldados, doam sangue ao movimento. Criam iniciativas que fazem dos eventos sublimes. O "Show Case" e o Tributo ao Mano Azagaia, outro expoente do HipHop Moz, foram o ápice do 11º Festival Nacional do HipHop "Punhos no Ar", onde artistas como Gina Pepa, Elfas e Rei Bravo, interpretaram números de Azagaia, e ainda assim, o carácter único do evento atirou a esposa (viúva) do rapper ao palco para fazer se de Homem Bomba, um momento que eternizou as lutas e a memória do artista.

O CEO da produtora Nexta Vida Entertainment, ainda que numa linguagem modesta, fala com satisfação da serventia dada a alguns projectos de nomes de peso do movimento, e a dedo aponta "Antibiótico" do Flash Ency ou "Travessia" que na sua teimosia, foi mais um impulso à Unidade Nacional com artistas de todo país.

Como ninguém, fala de nomes e pronomes de rappers de cada província. Sem cacarejar, num idioma próprio viaja pelo país, igual um comandante, conhece seus soldados e o respectivo batalhão.





Hoje, Pier Dagg, maior rosto do Festival Nacional do HipHop "Punhos no Ar", do alto mar, vislumbra a terra firme; ousa sonhar num festival fora da capital. Como revolucionário, fala com convicção de quem acredita na missão da unidade nacional através do HipHop, sua arte, porque o propósito não tem única moradia.



Texto: Leonel A. Mucavele.



ARTES & VIDA

CENAS MOÇAMBICANAS: QUANDO UM OLHAR ESTRANGEIRO NOS DEVOLVE A NOSSA ESSÊNCIA



Há fotografias que simplesmente registam um momento. Outras, porém, conseguem parar o tempo e obrigar-nos a olhar novamente para aquilo que julgávamos conhecer. É nesse território entre a emoção e a curiosidade que nasce “Cenas Moçambicanas – Registro Estrangeiro”, uma exposição do Prof. Manoel Santana, brasileiro, que encontrou em Moçambique não apenas um novo lugar para viver e ensinar, mas também uma oportunidade para reencontrar uma antiga paixão: a fotografia.

O primeiro contacto com Moçambique foi marcado, segundo o próprio, por uma mistura de “emoção e curiosidade”. Ao percorrer diferentes espaços, particularmente em Niassa, o que mais lhe chamou a atenção não foram apenas as paisagens, mas sobretudo as pessoas. O movimento das ruas, as mulheres caminhando com crianças nas costas, as bagagens carregadas sobre a cabeça e a presença quase indiscutível da capulana foram construindo, diante do seu olhar, um retrato vivo do quotidiano moçambicano.





É justamente esse cotidiano que ocupa o centro da exposição. Não se trata de procurar apenas imagens extraordinárias, mas de descobrir beleza e significado nas cenas que acontecem todos os dias. Para Manoel Santana, olhar Moçambique foi também aprender a reparar naquilo que muitas vezes passa despercebido aos próprios moçambicanos.

É justamente esse cotidiano que ocupa o centro da exposição. Não se trata de procurar apenas imagens extraordinárias, mas de descobrir beleza e significado nas cenas que acontecem todos os dias. Para Manoel Santana, olhar Moçambique foi também aprender a reparar naquilo que muitas vezes passa despercebido aos próprios moçambicanos.

O próprio nome da exposição nasceu desse encontro cultural. “Cenas Moçambicanas – Registro Estrangeiro” resulta, nas palavras do fotógrafo, de um encontro entre línguas e gírias. A intenção era encontrar uma expressão que tivesse identidade e que permitisse aos moçambicanos reconhecerem-se no título, sentindo-se “em casa” diante da exposição. Afinal, embora o olhar seja estrangeiro, as histórias fotografadas pertencem ao lugar que o acolheu.

A fotografia, para Manoel, também representa um reencontro pessoal. Antes de chegar a Moçambique, já havia sido fotógrafo na juventude. A experiência de sair do Brasil e chegar a este país fez ressurgir uma parte da sua história que permanecia guardada. “Ter saído do Brasil para cá fez-me voltar à minha juventude”, revela. A câmera, assim, deixou de ser apenas um instrumento de registo e tornou-se uma espécie de ponte entre o passado e o presente.



Entre as imagens que compõem a exposição, algumas nasceram do simples encantamento diante de uma paisagem; outras carregam questões mais difíceis. É o caso da fotografia intitulada “Festa para quem?”, uma das imagens que mais o marcou. Nela, uma mulher aparece, em pleno Dia da Mulher Moçambicana, acompanhada pelas suas filhas enquanto trabalha.

A fotografia não foi difícil de fazer, explica Manoel. Difícil foi aquilo que ela revelou. “Elas não foram difíceis de fazer e sim de ver”, afirma, referindo-se às fotografias. Há uma espécie de silêncio naquela cena: enquanto o calendário celebra a mulher, outra mulher continua a trabalhar, acompanhada pelas próprias filhas. A imagem transforma-se, assim, numa pergunta que ultrapassa a fotografia e chega à sociedade: afinal, quem é celebrado quando tantas mulheres continuam invisíveis no peso das tarefas quotidianas?



Outra imagem que permanece na memória do fotógrafo é a das duas crianças caminhando. O que o marcou foi o olhar forte do menino, que transmite a sensação de estar a proteger a irmã. É uma cena simples, mas carregada de uma expressividade que não precisa de palavras. Talvez seja justamente essa capacidade de encontrar histórias dentro de pequenos gestos que define o olhar de Manoel Santana.

Mas Moçambique também lhe ofereceu familiaridades. Na comida, encontrou sabores que lhe despertaram proximidade, como a xima e o pão com badjia. No acolhimento, encontrou outro ponto de ligação. E, sobretudo, encontrou a riqueza de um país onde múltiplas línguas e dialectos convivem e dão diferentes vozes ao mesmo território.



Depois vieram as palavras. As expressões, as gírias e o modo particular de falar também ajudaram a desenhar esse novo mapa cultural. “Cena”, “aquele assunto” e outras expressões do quotidiano despertaram a sua atenção. O português moçambicano, observa, possui uma maneira própria de revelar e talvez também de esconder significados. E há ainda uma característica que, para ele, se manifesta no modo como as pessoas vivem: “o moçambicano vive sem pressa.”



No contacto com os estudantes, outro aspecto se destacou: a expressividade poética, a curiosidade e, principalmente, o respeito pelos professores. Para alguém que também exerce a docência, essa experiência ultrapassa a simples observação. É uma troca entre pessoas, culturas e formas diferentes de compreender o mundo.

No fundo, a exposição carrega duas intenções. A primeira é provocar orgulho nos moçambicanos por aquilo que são e por aquilo que carregam. A segunda é transformar cada fotografia numa espécie de agradecimento. A exposição é, também, segundo Manoel, “um muito obrigado pelo acolhimento e hospitalidade” que recebeu.

Por isso, talvez “Registro Estrangeiro” seja apenas uma parte da história. Porque, embora as fotografias tenham sido feitas por alguém que veio de fora, elas revelam pessoas, lugares, gestos e experiências que pertencem profundamente a Moçambique. O estrangeiro apenas emprestou o olhar para que os próprios moçambicanos pudessem voltar a ver-se.

E é justamente esse olhar que Manoel, recomenda a quem quiser fotografar outro lugar. Não basta visitar os cartões-postais. É preciso olhar para as pessoas, entrar nas ruas, aproximar-se dos lugares populares e de lazer, observar os locais de trabalho e, sobretudo, prestar atenção às cenas comuns. “É preciso olhar para as pessoas e praticar um olhar turístico”, defende.



Porque, muitas vezes, a verdadeira identidade de um povo não está nos grandes monumentos, nem nos acontecimentos extraordinários. Está numa mulher que caminha com uma criança às costas, numa capulana que acompanha os movimentos do dia, num menino que protege a irmã, numa conversa de rua, numa expressão que só os habitantes daquele lugar compreendem.

É aí que a fotografia deixa de ser apenas imagem. Torna-se memória, pergunta, encontro e agradecimento. E, através de um olhar estrangeiro, Moçambique acaba por ser devolvido aos próprios moçambicanos talvez um pouco mais bonito, mais complexo e mais digno de ser visto.

QUANDO A PALAVRA FALTA, A ARTE PODE FALAR: GERÓNIMO CAMOTO PINTA "A DOR DO SILÊNCIO" NUMA EXPOSIÇÃO INÉDITA EM MAPUTO



Artista plástico apresenta, em Maputo, a sua primeira exposição individual, numa colectânea de obras inspiradas em histórias reais, conflitos sociais e nas vivências das comunidades.

Por detrás de cada silêncio pode existir uma história. Uma dor escondida, uma realidade não denunciada ou uma experiência que, por diferentes razões, permanece guardada. É a partir dessa realidade que o artista plástico Gerónimo Camoto constrói a sua mais recente proposta artística, intitulada "A Dor do Silêncio", apresentada em Maputo na sua primeira exposição individual na capital moçambicana.

Mais do que uma colectânea de quadros, a exposição constitui, para Camoto, uma forma de transformar em imagens algumas das realidades que marcam a sociedade. Violência doméstica, casamentos prematuros, suicídio e outras situações vividas silenciosamente estão entre as questões que inspiraram o artista.

–“O que me motivou a abordar a exposição ‘A Dor do Silêncio’ é o medo de falar e denunciar casos de violência por vários motivos, que acabam fazendo com que as pessoas sofram em silêncio”, explica o artista.

O título da exposição não foi escolhido ao acaso. Para Gerónimo Camoto, o silêncio pode ser tão doloroso quanto aquilo que o provoca.

Muitas situações presentes na sociedade permanecem ocultas porque as vítimas não encontram espaço, coragem ou condições para falar. É nesse espaço entre a realidade e o silêncio que o artista procura intervir. A pintura torna-se, assim, uma linguagem capaz de abordar assuntos que nem sempre são discutidos abertamente.

Cada quadro apresentado na exposição possui uma mensagem própria. Segundo Camoto, não existe uma única obra que consiga resumir todo o significado da exposição, justamente porque cada pintura aborda um assunto específico dentro do tema central.

–“Cada obra transmite uma mensagem, cada quadro tem o seu assunto específico, contemplado no tema da exposição”, afirmou.

Desta forma, “A Dor do Silêncio” convida o visitante não apenas a observar, mas também a sentir. As obras procuram estabelecer uma relação entre aquilo que está representado na tela e as experiências que fazem parte da realidade social.



A inspiração de Camoto nasce, sobretudo, da vida que o rodeia e das histórias que chegam até si. O artista procura transformar essas experiências em imagens, levando para a tela aspectos relacionados com a vida das comunidades, as suas histórias, hábitos e costumes. A realidade do Niassa e das suas populações também ocupa um espaço importante na sua produção artística. O artista procura igualmente contar, através da pintura, histórias ligadas ao povo de Niassa, valorizando elementos culturais e sociais que fazem parte da diversidade moçambicana.



Assim, a sua arte não se limita à expressão individual. Ela procura preservar memórias, narrar experiências e colocar diferentes realidades diante do olhar do público.

A preparação da colectânea apresentada em Maputo exigiu cerca de seis meses de trabalho. Foi um período dedicado à produção das obras que agora integram a exposição. Apesar da dimensão do projecto, Camoto considera que o processo de produção não foi marcado por grandes dificuldades. Segundo o artista, o planeamento e a organização do trabalho permitiram-lhe conduzir o processo de forma relativamente tranquila.



Mais do que a quantidade de obras, o artista parece valorizar aquilo que cada uma consegue comunicar. Para Camoto, chega um momento em que o artista precisa reconhecer que o seu trabalho está preparado para ser apresentado ao público. Na sua perspectiva, a qualidade de um trabalho artístico não deve ser determinada exclusivamente pelo próprio criador, mas também pela forma como o público recebe, interpreta e reage às obras. --“Chega uma fase em que um artista sente que pode expor o seu trabalho”, defende Camoto, entendendo que esse momento representa uma etapa importante no percurso de qualquer artista.

Ao levar “A Dor do Silêncio” para Maputo, Gerónimo Camoto não apresenta apenas aquilo que produziu ao longo de meses.

Apresenta também uma parte das suas inquietações, das histórias que observa e das realidades que considera necessário colocar em discussão. A exposição assume, por isso, uma dimensão social. O artista utiliza a pintura como meio de expressão, mas também como instrumento de comunicação. Os quadros tornam-se espaços onde diferentes histórias podem ser contadas sem que seja necessário recorrer à palavra.



Para quem visita a exposição, o desafio é olhar para além das cores, formas e composição de cada quadro. É procurar compreender o que existe por detrás da imagem e questionar as realidades que ela representa.

A experiência de realizar uma exposição individual em Maputo representa também um passo importante no percurso de Camoto. E, a partir dessa experiência, o artista deixa uma mensagem aos jovens criadores que ainda sonham em apresentar os seus trabalhos ao público. Para ele, o primeiro passo é acreditar nas próprias capacidades e não desistir perante as dificuldades. “Não desistir. Devem acreditar em si mesmos, competir consigo mesmos, trabalhar para fazer o melhor, para superar as suas próprias expectativas”, aconselha.

Camoto defende ainda que os artistas devem trabalhar sem esperar resultados financeiros imediatos. O reconhecimento, segundo a sua perspectiva, é consequência de um processo que exige persistência, dedicação e aperfeiçoamento constante.



“A Dor do Silêncio” apresenta-se, assim, como uma exposição em que a pintura procura fazer aquilo que muitas vezes as palavras não conseguem: revelar o que está escondido. Ao transformar histórias, memórias e problemas sociais em imagens, Gerónimo Camoto encontra na arte uma forma de dialogar com o público e, simultaneamente, valorizar aspectos da realidade cultural e social moçambicana.

Em Maputo, a sua primeira exposição individual marca uma nova etapa do seu percurso artístico. Mas, acima de tudo, representa uma tentativa de dar visibilidade às dores que permanecem silenciosas, porque, para Camoto, quando a palavra falta, a arte pode falar.

UMA VIAGEM ALÉM DO TEMPO: POETA ESCRIBA EXIBE O POEMA- VÍDEO DO SAUDADES VS JORNADAS II



Poeta Escriba fez se grande, na atitude e na ousadia, e de forma desproporcional, ignorou o seu tamanho, juntando no Salão de eventos do IFAPA, individualidades e amantes das artes em Lichinga no lançamento do segundo vídeo poema da série Saudades vs Jornadas uma produção poética que transporta o público para as memórias da antiguidade, os costumes, o amor e a riqueza cultural.

Naquela sala, o passado ficou marcado pela celebração da poesia, da cultura e das artes, através de uma produção audiovisual, que valoriza a criatividade e as manifestações artísticas ligadas à cultura e às tradições.

"Saudades vs Jornadas II" apresenta uma proposta artística que leva o espectador a uma viagem pelas memórias e pelos modos de vida de outros tempos. O vídeo recupera elementos da ancestralidade, desde as formas de vestir e de viver até às diferentes expressões do amor, das tradições e da cultura em geral.



A produção audiovisual surge a partir de uma poesia declamada pelo próprio Poeta Escriba e ganha uma dimensão visual através da interpretação de actores, que representam os diferentes sentidos e imagens presentes no poema. O próprio Escriba participa na obra, juntando-se a mais de 20 personagens que dão vida a declamação poética.

Com uma encenação que procura valorizar os elementos culturais e tradicionais, os actores assumem um papel fundamental na construção da narrativa visual. As suas interpretações ajudam a dar vida às palavras da poesia, fazendo do vídeo uma verdadeira obra de arte, onde a declamação deixa de ser apenas ouvida para também ser vista e sentida.

O evento não se limitou, entretanto, à exibição do vídeo. Houve igualmente espaço para outros artistas apresentarem e divulgarem os seus trabalhos e serviços. Entre as diferentes manifestações artísticas presentes, destacaram-se os artistas plásticos, reforçando o carácter multidisciplinar do encontro.

A presença de vários criadores permitiu que o lançamento se transformasse num espaço mais amplo de convivência e intercâmbio artístico. A poesia encontrou-se com as artes plásticas e outras expressões, demonstrando que a cultura pode ser construída através do diálogo entre diferentes talentos.



Em "Saudades vs Jornadas II", a saudade surge associada às memórias e às referências de um passado que continua presente na identidade cultural. A obra convida, assim, o público a olhar para a cultura não apenas como uma herança do passado, mas também como uma realidade viva, que pode ser reinterpretada pelas novas gerações através da arte.

Ao transformar uma poesia declamada numa produção audiovisual interpretada por actores, o Poeta Escriba demonstra uma versatilidade em explorar novas possibilidades de comunicação artística. As palavras ganham corpos, movimentos, cenários e imagens, permitindo que o público tenha uma experiência diferente da poesia.

No Salão do IFAPA, poesia, representação, tradição e arte encontraram-se num único palco. Entre versos, imagens e interpretações, o evento mostrou que a cultura continua a ser um espaço de memória e criação, onde o passado pode dialogar com o presente e inspirar novas jornadas.

VOZES MUDAS NO GRITO DAS PALAVRAS



Na viagem do tempo, várias vozes ganham tempo em memórias, para muitos esquecidas na trilha da vida. O prato de Kondoole adoçado com n'tolilo e peixe fazem da vida mais leve e órfã de preocupações. Mas onde se come, na dança conhece coreografias próprias, no N'ganda fala um idioma cuja ginga supera gerações e sobrevive séculos de militância, mas sempre de peito aberto com o Lago Niassa.

Lá do cume contempla-se a timoneira do Niassa, feito bailarina dos Ulongo, que canta mangandje, canta Niassa e nutre se do Lago. Come ussipa, bebe a água doce como o batuque vive da força da mão e do fogo que não queima, aquece os corpos e as cinturas.





COLUNA

DJANDO

ANTES DAS EXÉQUIAS FÚNEBRES



Geralmente são jovens com o básico para viver e/ou vindo de famílias humildes, que perdem somas de dinheiro em jogos de azar, vivem na ilusão que é possível ficar rico jogando o “aviator”..., em muitos casos, apostam com dinheiro que nem lhes pertence, não têm noção que as empresas de jogos electrónicos de azar – ficam ricas com a desgraça deles, não conhecem a armadilha que está nos algoritmos criados para fazer perder

noventa e nove vezes, por exemplo, noventa e nove pessoas perdem e uma ganha, o número cem, na sua ignorância, depois que ganha, julga ter sorte, não sabe que ganhou depois da empresa tirar o seu lucro em outras noventa e nove apostas.

E sim, as empresas de jogos de azar são movidas pelo lucro, pouco se importam com a sua pobreza e/ou ganância de riqueza, não são caridosas como aparentam ser e – quem te garante que serás tu, o número cem, na próxima aposta?

As mensagens de consternação ainda corriam pelo país, transportados pelos telemóveis, de lés a lés, o corpo ainda na morgue. Paz à sua alma, Entre o esplendor da luz perpétua..., entre outros dizeres, seguia a informação do desaparecimento físico do Papapopó.

Enquanto os planos de sepultura e outras necessidades para o enterro digno eram traçados, o plano que antecede o resto do programa da cerimónia fúnebre,

a comida – para manter os familiares e amigos saudáveis e com energia de participar na última homenagem – já estava em marcha, um grupo de senhoras da comunidade, de porta em porta pedia apoio em mantimentos – farinha, lenha e outras necessidades da cozinha, o famoso “ntchango”, como culturalmente é prática aqui em Lichinga, nossas boas maneiras que nem a modernidade consegue apagar, ser solidário um do outro, quando o infortúnio se torna nosso inclino.

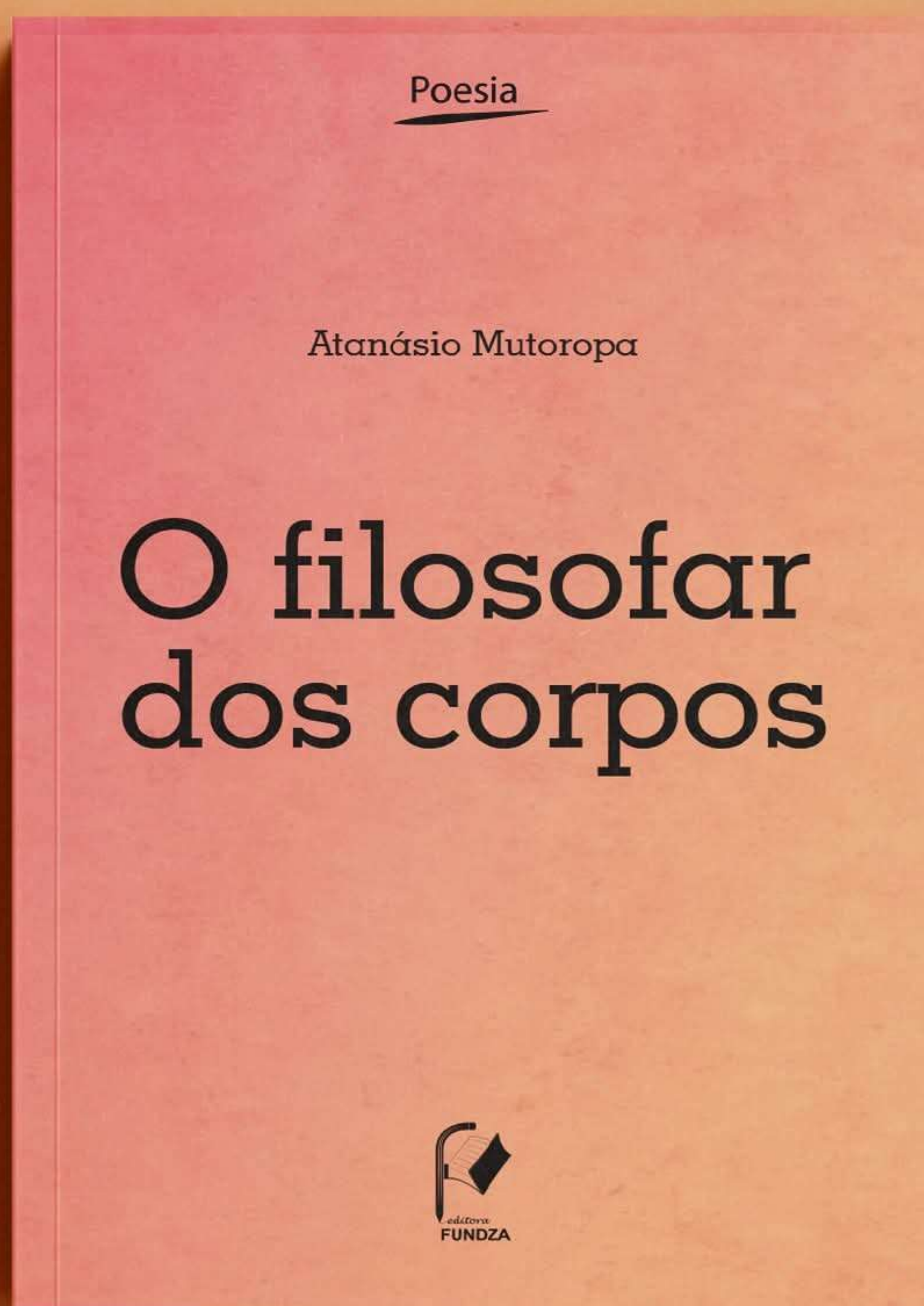
– [...] O finado, deixou muito dinheiro guardado no banco, era daqueles que aprendeu de forma exagerada o conceito de poupar para usar depois –, disse Jánfar em conversa fiada na companhia de outros jovens na barraca da esquina, próximo à residência do malogrado – diz-se por aí que ele poupava desde os 15 anos, e nunca mexeu o dinheiro, concluiu.

– Pois é, nem se mimava, não tinha roupa decente, praticava adjumule nawale – esperar secar para vestir, assim que o cota bazou o tako – dinheiro dele será gasto por quem nem vai valorizar o seu sacrifício – interveio em risos zombeteiros, Malize, estimulado pela bebida alcoólica caseira – “Cacholima” feita a base de cana-de-açúcar – de minutos a minutos com o gole servido em um copito minúsculo de alumínio partilhado por todos os lábios ali presentes, aquecia o estomago, as tripas e outros órgãos internos durante o trajecto, agindo como se estivesse deixando escoriações, e, não só, como também, faz falar os mudos.

– O Papapopó deixou-nos um legado, com a sua veia de poupador – mostrou aos jovens da nossa comunidade que é possível ter muito dinheiro ou ser rico mantendo desde cedo, o hábito de poupar – diferentemente do que se tem verificado,

a ganância pelo dinheiro fácil, acham eles que se pode tornar rico de noite para o dia e, se suicidam depois que perdem muito dinheiro nos jogos de electrónicos de azar, malta “Aviator”, “Elefhant” ... – Comentou Molidé, o mais lúcido do grupo – ele, o Papapopó, pode ter pecado – continuou Molidé – por não se mimar, viver em total escassez, é preciso guardar sim, também usar o dinheiro para o bem-estar, manter a saúde em dia, o equilíbrio, poupar – consumir, até porque, comer é a primeira actividade a ser executada no programa das exéquias fúnebres, antes do último adeus, porém – guardar dinheiro e, de ano a ano ver a conta engordar é a maneira mais segura de ficar rico e independente.

Disponível



Livrarias:

Fundza,
Mabuko,
Paulinas,
Maputo,
Académica,
Ethale,
Mitsi,
Sequoia e
Escolar Editora.

Preço:

500,00 MZN

Boa leitura!



DEVANEIOS

PAVÊS QUE NÃO DURAM

O Senhor Diquissone deteve-se no meio do passeio, como quem espera que o chão lhe devolva uma resposta. Mas o chão, esse, já não devolvia nada, apenas se entregava, peça por peça, ao esquecimento dos dias.

— Onde estão os vereadores? — Perguntou em voz alta, para ninguém em particular. — Onde estão os policiais municipais?



Ninguém respondeu. Apenas o vento, que trazia o cheiro das badjias fritas vindas da praça, e o rumor distante de uma viatura que, ao tocar o lancil, arrancou mais um pedaço do pavimento. O pavê soltou-se como um dente de leite, e ali ficou, virado, expondo a terra nua por baixo.

O Senhor Diquissone conhecia aquela cidade melhor do que os próprios planos de urbanização. Sabia que, em menos de três anos, os bancos públicos se tornariam escombros de betão partido, ali na praça pública. Sabia que as praças, tão bonitas nos projectos, se transformariam em campos de batalha onde a relva vence uma vontade de realizar algo humano.

E ali estava ele, testemunha de um paradoxo: enquanto uns construía, outros desorganizam, retiravam sinalizações, iluminação, torneiras do jardim.

Mas a culpa, pensava, não era apenas dos vândalos. A culpa era da própria obra, mal feita desde o princípio, como uma promessa que já nasce vazia.

— Pavimentos fáceis de vandalizar — Murmurou, observando a curva onde os pneus dos carros faziam estragos. — Basta tocar, e tudo se desfaz.

Na praça central, as mães de semblantes cansados vendiam seus bolinhos. Dona Albertina, que ali estava há mais de sete anos, via os bancos serem restaurados e destruídos com a mesma frequência com que o sol de Lichinga se alternava com a chuva fria.

— Este banco novo? — disse ela, apontando com o queixo. — Daqui a três meses já não tem pernas.

Era verdade. A base de betão, malcurada, já apresentava fissuras. Os varões, desproporcionais com o banco, sobressaíram sobre o betão cheio de areia, enferrujavam antes do tempo. E os munícipes, cansados de esperar por melhorias, usavam os espaços públicos como quem usa uma casa que não é sua — Sem cuidado, sem afecto.

O Senhor Diquissone cruzou a rotunda. Ali, onde devia haver um caminho digno, os peões já haviam aberto uma trilha na relva. O corta-mato era a resposta silenciosa à falta de discernimento.

— Onde estão os vereadores ligados à manutenção? — Repetiu, agora com mais angústia.

Lembrava-se de quando, há cinco anos, se inaugurara aquela praça com pompa e circunstância. As autoridades sorriam nas fotografias. Os discursos prometiam desenvolvimento. E agora, ali estava ele, vendo os escombros dos bancos, os pavimentos desfeitos, a relva morrendo onde devia haver ordem.

Era uma cidade de contrastes, Lichinga.

Contraste social: de um lado, as mansões dos bairros ricos; do outro, as casas de capim onde a chuva entrava como visita indesejada.

Contraste natural: o sol forte de manhã, que queimava a pele, e a chuva rápida da tarde, que gelava os ossos.

Contraste emocional: a alegria das crianças a brincar entre os escombros, misturada com a preocupação de quem sabia que aquela desorganização não era acaso, mas sintoma.

— O munícipe também pode zelar — Disse o Senhor Diquissone, agora para um grupo de jovens que passava. — Não deixemos a cidade desmoronar quando há um esforço de sua progressão.

Os jovens olharam-no com indiferença. Um deles, com um pé, empurrou um pavê solto, que rolou até ao meio da estrada.

— É só um pavê, Senhor — disse o rapaz.

— Não é só um pavê — Respondeu o velho, com a voz carregada de anos e de cansaço. — É a cidade inteira que se desfaz, pedaço por pedaço.

E enquanto o sol de Lichinga se punha, pintando o céu de laranja e cinza, o Senhor Diquissone ficou ali, de pé, como uma sentinela solitária. Olhou para os escombros,

para os bancos partidos, para os caminhos de terra que a relva tentava esconder.

E perguntou-se, em silêncio:

— Será que um dia alguém vai ouvir?

A cidade não respondeu. Apenas o vento, que trouxe o cheiro das badjias e o rumor distante de mais um pavê a soltar-se.

Lichinga, 2026



MINHA BIO

HOMENAGEM AO FERNANDO DAMAS: O AUTOR DOS MIL INFINITOS PSEUDÓNIMOS PELAS RÁDIOS DO NORTE DO PAÍS

Descendente da terra da Rainha Namuanama, Fernando Damas, desde 08 de Novembro de 1973, irriga memórias de sua infância nas margens do rio Nhassalo, num distrito de onde partiu aos 5 anos para Lichinga. A sua proveniência, Marrupa, teceu-lhe o carácter e outros valores cujo idioma, supera preços.

Jornalista formado pela escola da vida, conheceu a profissão da carteira, em diversos programas de formação, capacitação e partilha em matérias de jornalismo, locução e programação; dos estúdios, no preparo e intimidade com o ouvinte; e, das poeiras, onde inalar e veicular ou comunicar e dessecar, mais do que rimas, passaram a ser sinónimos, num percurso que perdura há mais de duas décadas. Fala de Niassa como esquina que guarda segredos da profissão e da mocidade, ruela ou povoado, onde morra sua paixão e labor de toda vida.



Como qualquer outra profissão, os primeiros dias na rádio (Rádio Moçambique- Emissor Provincial de Niassa) foram tenebrosos, assustadores, mas, a crença e o sonho foram determinantes. Hoje mais do que profissional, Fernando Damas, é professor da comunicação para os mais jovens.

Um homem vertical na fala e determinado, em 2012 transformou as dificuldades e incertezas na locução em língua emakua em veículo de fortalecimento e comunicação correcta através do programa "Sentido das Palavras", que ainda hoje, serve para direccionar os jovens a aprender a língua. Mas, por detrás do Mestre Damas, outros professores inspiraram sua trajectória e deram vida suas aspirações. Dos canais internacionais "Voz da América" e "DW África" ou do saudoso e eterno radialista, Galiza Matos, aprendeu o que nenhuma escola ensina, paixão.

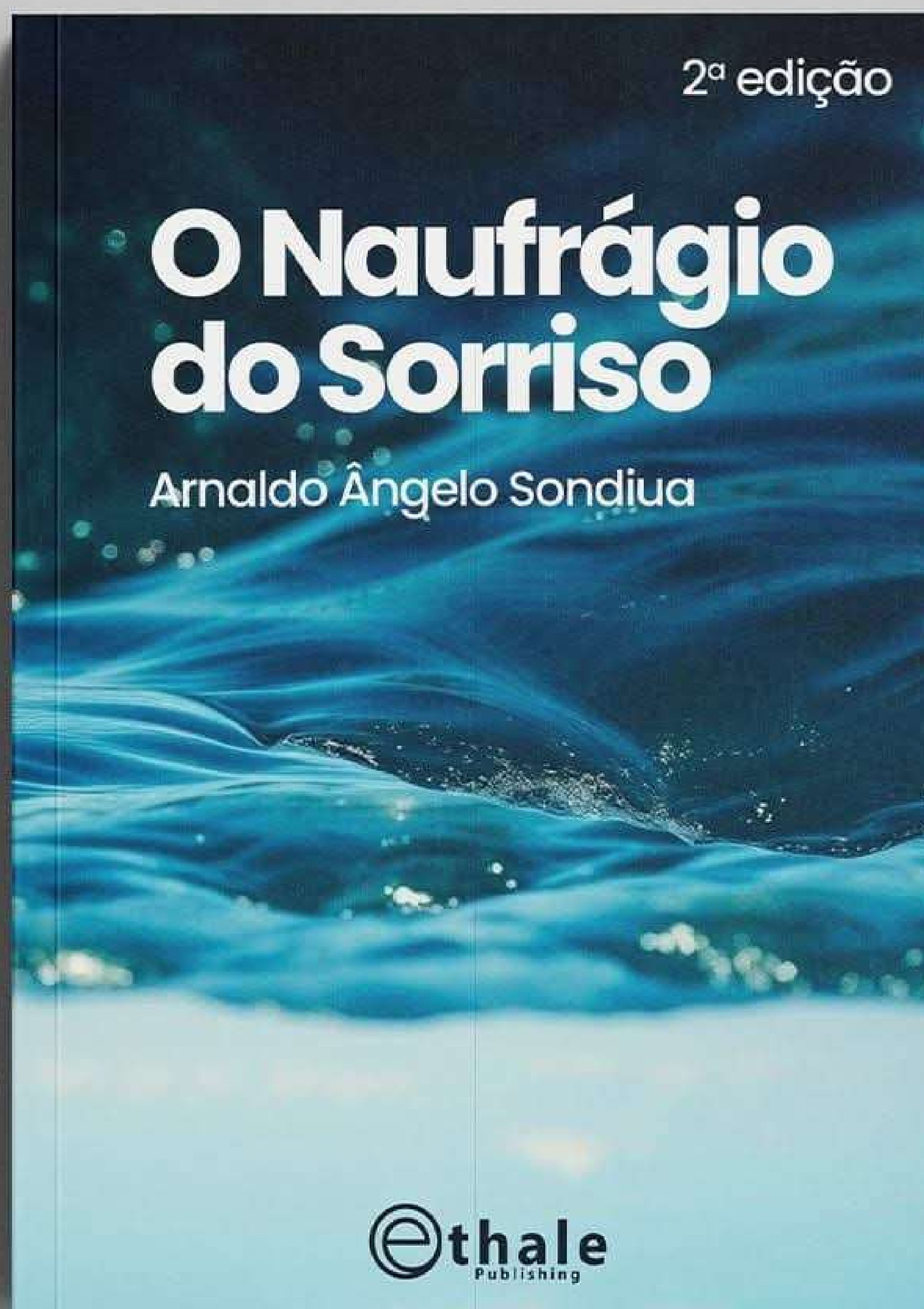
Da paixão pelo jornalismo e locução, nasceram momentos imensuráveis, cravados na memória colectiva da participação de Niassa nos Festivais Nacionais de Cultura de 2008 a 2025, com a excepção ao de 2014. E, da arte de comunicar em todas línguas que banham o Lago Niassa, fez se poliglota e marinheiro capaz de navegar no mais profundo e internacional do lago.



A apetência pela Feira Internacional de Maputo (FACIM), que tem se revelado outro palco do Professor Damas, confirma o turismo como cônjuge de cultura, onde na sua redacção ou narração, as partes se entrelaçam, se misturam e se confundem.

Homem forjado para comunicação, Fernando Damas é membro do Conselho Nacional do Sindicato Nacional de Jornalistas desde 2011,

BREVEMENTE



antes, porém, de 2006 a 2011, teria conduzido com sabedoria, os destinos do Secretário Provincial do SNJ-Sindicato Nacional de Jornalistas no Niassa. Daquela dinastia, a classe carrega com nostalgia a atribuição de talhões aos membros da agremiação pelo CMCL.

Escravo do tempo, Damas, valoriza o feedback do ouvinte, mas assume-se como primeiro ouvinte das emissoras a seu redor, como forma de aperfeiçoar a sua arte.

Não teme o futuro e orgulha-se pela profissão, que considera ser vital a escolha pela vocação e não por outros estereótipos financeiros. Das suas mãos, pés e profissão, agarrou mundos em formas de molduras com a atribuição do diploma de mérito por ocasião dos cinquenta anos da Rádio Moçambique em reconhecimento dos seus feitos ao serviço desta estação emissora e, galgou em toda extensão, o país e parte do pequeno mundo vizinho, cobrindo momentos e figuras importantes de Moçambique, como a visita do Presidente da República, Filipe Nyusi à Botswana, em 2022.

Ainda assim, Damas sonha, e atingir reforma como jornalista, é um dos objetivos da vida, que o associa à sede de formação, ao estágio profissional contínuo, partilha de experiências com outros profissionais da classe, e fazer da sua labuta um espaço de formação dos mais jovens.



ENTRE – VERSOS

ME APAIXONEI POR UMA POETIZA

Por Charia

Apaixonar-se por uma poetiza
é cair numa armadilha de beleza.
Ela não te conquista com promessas,
te conquista com imagens.

Ela pega o teu “oi” desajeitado
e devolve em soneto.
Pega a tua dor torta
e endireita em metáfora.

O poder dela está aí:
em transformar o comum em sagrado.
O café das 6h vira ritual.
A chuva na janela vira sinfonia.
E tu, meu bem, viras universo.

Amar uma poetiza
é ser lido em voz baixa de madrugada.
É virar personagem, verso, vírgula, silêncio.
É saber que uma discussão não termina em grito.
Termina em poema que te desmonta por dentro.

Ela tem o poder de te ver inteiro.
Até nas partes que tu escondes.
E em vez de julgar, ela escreve.
E em vez de fugir, ela fica.
Porque poetiza não tem medo de profundidade.

O perigo?
É que depois dela,
nenhuma outra palavra te basta.
Nenhum “te amo” simples te alcança.
Porque ela te ensinou que amor
também se diz com brisa, com cicatriz, com lua.

O milagre?
É que ela pega teus pedaços quebrados
e faz deles livro.
E te devolve inteiro,
só que em versão mais bonita.

Apaixonar-se por uma poetiza
é assinar um pacto:
tu vais doer, tu vais rir,
tu vais ser eterno.
Porque enquanto houver papel e tinta,
ela vai continuar te amando
linha por linha.

E esse é o maior poder de todos:
te tornar imortal,
só porque um dia ela resolveu
escrever teu nome.



RESENHA

"HÁ VIVOS ARREPENDIDOS REVISTOS EM "FLORES DO MEU FUNERAL?"

Um Reparo á Nova Música do Cantor Rei Bravo

Por Cê – Ndogo



Somos inquilinos da mesma aldeia, o que nos separa são ruelas acastanhadas de Civawula. Frequentemente encontramos-nos em funerais e sadakas. O rapper é muito ocupado.

A Orquídea também anda atarefada. São putos com astúcia e com mangas arregaçadas a labuta.

Este é o conceito de Rei Bravo - meu vizinho, filho do meu companheiro de clube de futebol. Na última vez vimo-nos nas bancas do mercado Civawula. Eu comprava saramaka e ele carregava uma sacola contendo pães. Tudo que comprávamos era para o pequeno-almoço do dia seguinte. Ali adivinha-se a diferença entre nós.

No funeral de um vizinho, onde RB esteve, ouvi que, em uma viagem que os músicos fizeram à Mandimba para uma actuação, Rei Bravo efectuara um telefonema consultando se o caixão que terá encomendado estava pronto. Perguntara se respeitaram escrupulosamente as medidas que lhe - foi tirado no dia da encomenda.

Outros músicos que seguiam naquela viatura, assustaram e questionaram ao RB se de facto encomendara um caixão na carpintaria ou se era uma ironia referindo-se de uma gaja á mira.

Esses putos fazem isso - se não sabiam minhas irmãs. Dizem que ele confirmou diante dos colegas que na verdade encomendara um caixão para exibi-lo em vídeo da sua música. Mas nunca os colegas imaginaram que ele seria o utente da tal gaveta mortal. Certamente que ninguém queria acreditar. Lá se foi a conversa.

O dia "D" chegou e o vídeo saiu. Vi meu vizinho no caixão. Pena não ter participado no embalsamar do corpo, talvez aguardasse pela última homenagem, mas, os manos mais próximos do RB segredaram-me essa notícia. Nem no grupo dos músicos, muito menos entre as nossas damas de Civawula ouviu-se alguma notícia sobre o Rei Bravo. Até o tio Santos escondeu isso. Como se evitasse enchente na sadaka do terceiro dia.

"SERÁ, O REI BRAVO, UM MAL - CRIADO PERANTE OS MORTOS?"

Há muito muito tempo, antes da ida aos ritos de iniciação, diziam os anciãos que era proibido assistir um cortejo fúnebre, porque causava cegueira.

**PALAVRA
DE ÚLTIMA HORA**

WORD

WORKSHOP DE DECLAMAÇÃO DE POESIA
COM OBEDES LOBADIAS

INHAMBANE (MAXIXE E ARREDORES), VAMOS ACONTECER?

#nãoésódizer



As mulheres não deviam seguir ao tratamento do corpo de malogrados. Crescemos obedecendo essas narrativas que visavam preservar o respeito e a dignidade dos nossos entes. Até não se revelava a causa da morte. Na actualidade, a frenética canção "lowa, lowa abale yanga" comove gentes a observarem o cortejo. Até putos se aproximam da procissão, como se a curiosidade fosse ver quem faleceu para marcar na agenda o dia da sadaka na família do finado. Infelizmente!

Se o fundamento em "Flores do meu funeral", for uma crítica social aos comportamentos que incomodam aos mortos e enfurecem aos familiares, diria que Rei Bravo surge, nessa encenação, como um activista que repudia a indecência que se verifica no tratamento aos mortos, sobretudo nessa sociedade em que o respeito a vida humana foi escancarado, bebemos e namoramos em cemitérios. RB se impõe tentando revelar segredos íntimos dos mortos, desde o banho, o embalsamar, a vestimenta,

a submissão ao caixão e a última homenagem. Como se dissesse: ele não vai ao passeio. Vai e nunca voltará. Daí a necessidade de máximo respeito. Nesse lado da cassete, digo: BRAVO, Rei Bravo!

Mó Nigga!

Faltar com o respeito aos mortos é o extremo da indecência humana. Desvendar os mortos é crucificá-los novamente. Escamotear últimos segredos de um indivíduo na terra, é ressuscitá-lo espiritualmente e matar aos vivos. É remeter os seus familiares a um arrependimento pela vida. Envergonhá-los da vida, condená-los eternamente enquanto sobreviverem. Nesse lado da cassete, digo: MAU, Rei Bravo!

Não sou digno de julgar a um humano igual a mim, sobretudo artista como eu. Lembro-me em **VOZES MALOGRADAS** ter dito em poesia a minha última homenagem. Despedi-me de todos, sobretudo delas.

Daí, a minha neutralidade sobre esse assunto. Mas, há mais lições advindas da encenação do Rei Bravo: solidariedade, amor ao próximo, empatia, humildade e necessária preparação de cada um, cientes de que A MORTE NÃO AVISA. Que fique claro que enterrar os mortos é bíblico.

Gostei nesse vídeo a união entre os artistas. Vi a velha e a nova geração a venerando o colega, o que não é fácil nos dias de hoje. Dias de orgulho, ira, ódio, vingança, arrogância, inveja, ignorância, ego e demagogia. A isto sempre suplicamos. Parece orientação de deuses dos sobreviventes ou DOS VIVOS ARREPENDIDOS REVISTOS EM FLORES DO MEU FUNERAL.



TURISMO & LAZER

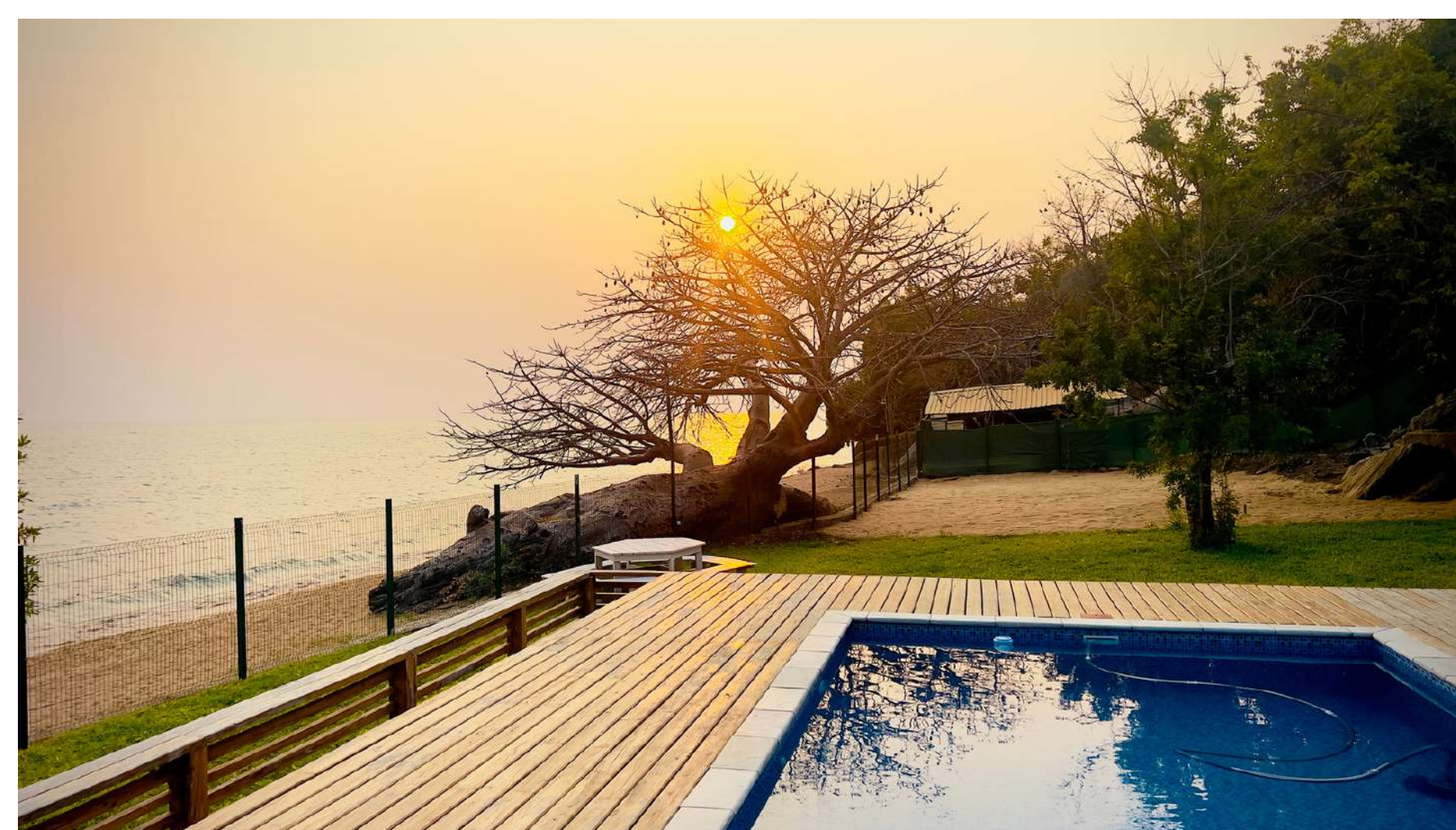
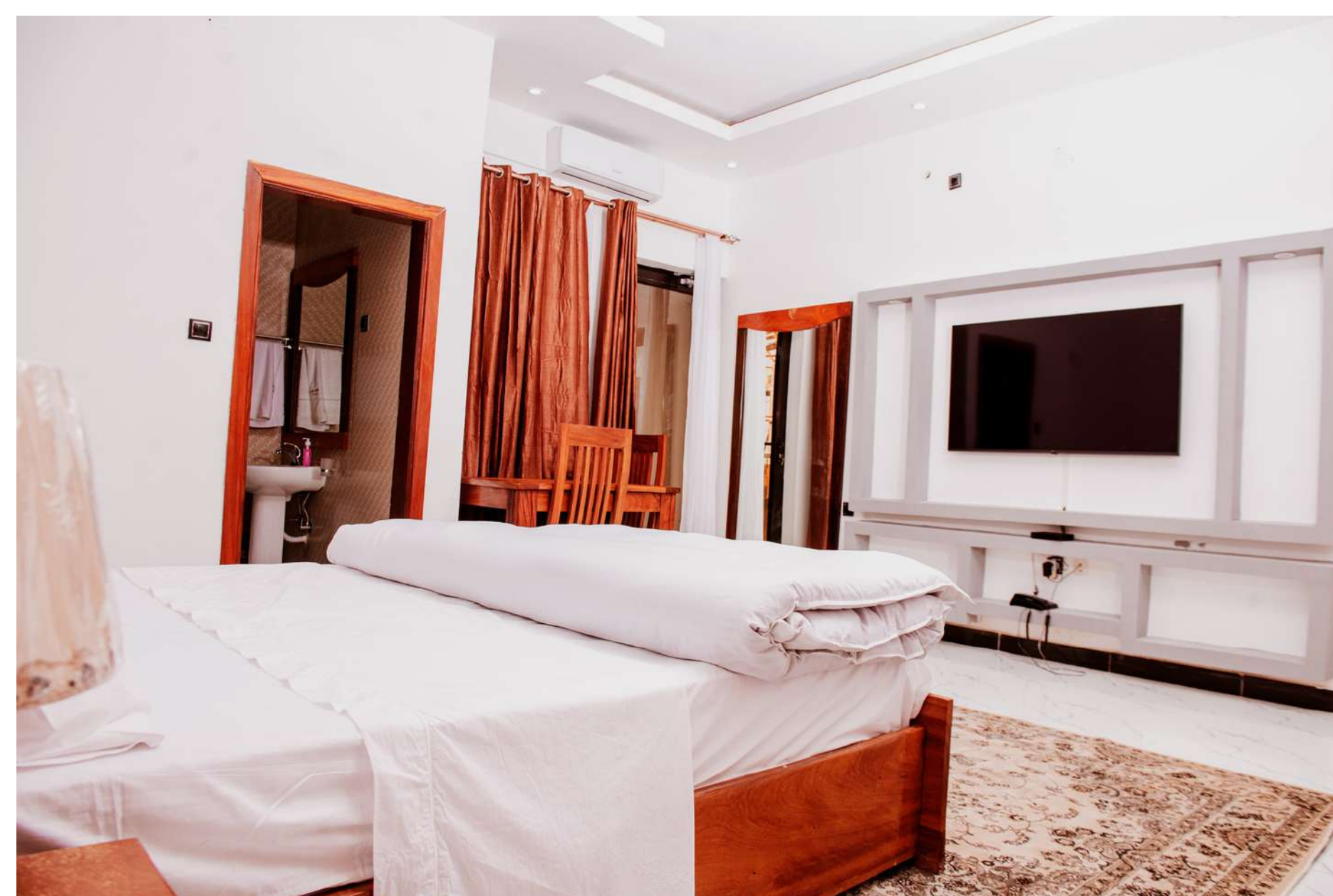
O DISTRITO ABENÇOADO: ÁGUA, PEDRA E MEMÓRIA

Por Ângelo Madrugas



Há lugares que nascem com sorte — outros, com bênçãos. O Distrito do Lago parece ter recebido os dois. Ao olhar para o Lago Niassa, logo se entende: aquele espelho enorme que reflecte o céu é ao mesmo tempo sustento e mito. O peixe que dá de comer, as margens que acolhem conversas antigas, as canoas que riscam a água ao romper da manhã... tudo ali diz de uma abundância que some responsabilidades: usar bem, proteger sempre.

Debaixo dos pés há outro presente, mais duro e silencioso: um subsolo carregado de minerais.



Pedras que prometem trabalho, estradas, escolas; riquezas que, bem geridas, podiam transformar aldeias em oportunidades. Mas também há um risco nas mãos que mexem no subsolo — o risco de extrair sem pensar, de levar hoje e deixar amanhã o vazio. Por isso, a bênção mineral é, ao mesmo tempo, provação: convida ao futuro e exige sabedoria.



E em cima disso tudo, sobre as águas, vivem as histórias. As crianças crescem escutando que, no tempo de antes — antes dos mapas que agora consultam no telemóvel — havia criaturas gigantescas nas profundezas. “Dinossauros do Lago Niassa”, dizem os mais velhos com um brilho no olhar, e já se imaginam os pés pesados a afundarem-se nas margens, ou um casco enorme a romper a superfície em noites de lua. É uma lenda bonita, meio assustada, meio orgulhosa: se o nosso lago já foi casa de seres tão antigos, então as nossas margens guardam segredos que merecem respeito.

Não é preciso escolher entre mito e ciência. As lendas funcionam como um modo de dizer: “isto é antigo, isto é grande, trata-se com cuidado.” E a ciência, quando vem com pesquisa e responsabilidade, confirma que o Niassa e a sua bacia têm histórias geológicas ricas — camadas e fósseis que contam eras.

Juntar mito e estudo é a forma mais sábia de preservar a memória e o património.

Caminhei por aldeias cujas mulheres ainda fazem farinha ao nascer do sol, e por jovens que estudam de dia e sonham com poços de trabalho à noite.

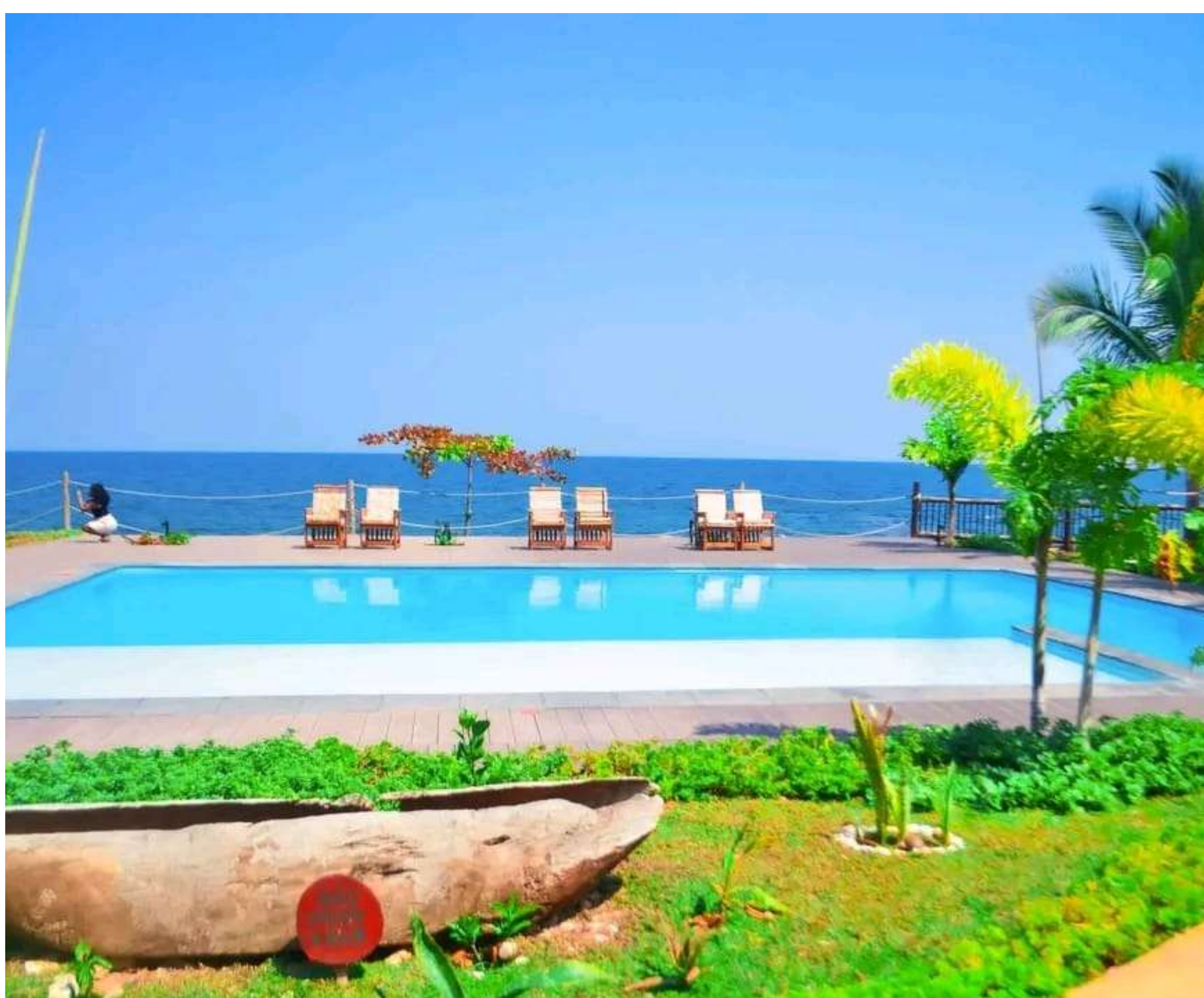


Vi rostos que conhecem o sabor do utaka assado e que guardam o nome de cada enseada do lago. A bênção do Lago Niassa não está só no que se pode extrair, está sobretudo no que já foi dado: comida, canção, identidade. É por isso que, quando se fala de minas e de riqueza, há que lembrar os nomes das velhas cantoras, dos pescadores e dos professores que, com pouco, mantêm o tecido social a funcionar.

Há também quem tema que a prata do subsolo venha a apagar a prata do espelho de água. Por isso, esta crónica não é só celebração — é aviso e convite. É preciso políticas que coloquem primeiro as pessoas: planeamento que proteja zonas sensíveis, investimento que gere emprego local, formação para que os jovens sejam gestores e não apenas trabalhadores descartáveis. É preciso guardiões do lago: gente que conheça as correntes, os cardumes e os ritmos sazonais; gente que saiba que uma pedreira mal feita não só fere a terra, como também seca memórias.

E as memórias são a nossa verdadeira riqueza. Quando uma avó conta que “no tempo do meu pai as canoas eram feitas assim”, ela está a transmitir técnicas, nomes de ervas que curam, métodos de conservação do peixe. Quando um jovem diz que viu “a sombra do dinossauro” na água, ele está a pedir uma história maior que o seu presente. Preservar o lago é, então, também preservar essas vozes — dar-lhes lugar nas decisões, nas escolas e nos projectos de desenvolvimento.

Imagino uma cena: um mercado à beira do Niassa ao amanhecer. O sol espreguiça-se; o vapor da xima sobe; um professor discute planos com um geólogo; pescadores trocam experiências com técnicos de conservação.



Crianças correm entre as barracas. Há ruído e há trabalho, sim, mas também há um acordo tácito: tudo aquilo é demasiado precioso para se estragar à pressa. Esse é o tipo de futuro que merecemos — um arranjo onde o minério paga estradas que levem às escolas, e onde o lago continua a cantar para as futuras gerações.

No fim, a bênção do Distrito do Lago é um convite: amar com inteligência. Não é só dizer que temos água e pedra; é fazer com que essas dádivas se convertam em vida digna, em histórias contadas à volta de uma brasa, em jovens que possam estudar e decidir o destino das suas terras. Se cuidarmos do Lago Niassa e do seu subsolo, as lendas dos “dinossauros” serão sempre lembranças doces, não avisos de catástrofe. E o que hoje mostramos às crianças — respeito, ciência, cuidado — será o legado que as tornará guardiãs deste lugar abençoado.

MAJUNE: UM DESTINO ALÉM DA VIAGEM

Por Celestino Tomás e Manuel Vene

Há destinos no mundo que encantam não só pela beleza cênica, mas também pela riqueza em detalhes e poder interpretativo dos factos históricos que singularizam o local e conferem ao viajante uma oportunidade imersiva de confrontar perspectivas diferentes. Majune, a sensivelmente 135 km, à sudeste da Cidade de Lichinga, na Província do Niassa à Norte de Moçambique, é um desses destinos incomuns que preservou traços indenitários únicos, com forte carga de significância, eventualmente, nunca antes vivenciada em outros lugares.



No centro da experiência de viagem à Majune, está a história da rainha, localmente conhecida por Bibi Achivaanjila, fundadora de uma dinastia de liderança feminina que subsiste a mais de dois séculos. Segundo consta de inúmeras fontes escritas, a generosidade dessa mulher fê-la transitar de escrava a rainha, pelo que continua sendo venerada como símbolo da resistência a dominação colonial portuguesa e a memória colectiva local teima em desfazer-se dela e dos seus feitos.

O elevado nível de humanismo e hospitalidade demonstrado pela rainha durante o reinado de Mataaka I, Ce-Nyambi,

é profundamente descrito por Zimba (2015) que relata sobre as rotas da Rainha Achivaanjila no contexto do gênero e da resistência à escravatura à Norte de Moçambique e também consta dos escritos de Vene (2018), cujo teor aparenta ter esgotado o conteúdo sobre a liderança feminina na África e no Mundo.



Nos escritos de Vene (2018), mora o sentimento de se ter alcançado “um ponto perdido neste país, onde a distância não se mede em quilometragem” (in Jornal Ngani, 13.04.2026), nem na história que reside nos detalhes, mas nos detalhes que guardam valores, vezes omissos e quase indissociáveis a tradição local.

A simples passagem pela campa da Bibi Achivaanjila, situada nas proximidades da estrada que leva os visitantes a Reserva Especial do Niassa, emite sinais inconfundíveis que exaltam o local como parte das referências incontornáveis no panorama turístico nacional e, concomitantemente, desperta curiosidade a todos que se fazem no percurso pela primeira vez. “Durante a passagem ao local, os automobilistas reduzem a velocidade, desligam o sistema sonoro e os passageiros tiram chapéus” (Vene, 2018), cumprindo escrupulosamente as obrigações, ao passo que os curiosos, com interesse específico e que desejam venerar no local, acessam-no em troco nú, pé descalço e cumprem o simbolismo assente em ofertas, deixando moedas na lateral junto a campa.

Os relatos sobre o incumprimento dessas regras de conduta, antigas mas vezes ignoradas, apontam para possíveis incidentes que continuam intimidando os transeuntes, entre cenários misteriosos de avarias de veículos, desaparecimento de malas ou pastas de viagem e até surgimento espontâneo de obstáculos na via, com ênfase para animais selvagens. Aos íntegros, aqueles que observam tais regras, colhem resultados surpreendentes, a semelhança dos nativos que se fazem ao local mediante a fé e emitem pedidos, cujos relatos revelam que a prevalência dos resultados no beneficiário, ocorre mediante a honra ao compromisso de um dia voltar e agradecer a família da rainha.

A Rainha Achivaanjila é testemunha de um povo, de épocas distintas e continua marcando a vida, quer de nativos, quer de visitantes e seu maior valor, não se limita na viagem que impressiona e toca a alma daqueles que buscam um dia de lazer longe da agitação urbana, mas também nos que procura pela cura baseada na medicina tradicional. Pois, a rainha consagrou-se famosa no uso da medicina tradicional para enfraquecer a força inimiga e criar a harmonia no seio da população sob sua alçada, livrando-a de doenças, pragas e demais calamidades e é nisso que o destino Majune continua famoso e cada vez mais apetecível, criativo e memorável.

Majune é, sim, um destino que inspira, uma lição que reacende a força interior e oferece uma viagem completa quando, essencialmente, se visita o povoado fundado pela rainha e a casa da actual Bibi Achivaanjila VI, sita no povoado de Malila e, sob sua companhia, segue-se a campa onde jazem os restos mortais da Bibi Achivaanjila I. Este roteiro faz perceber quão vale um destino que combina o potencial natural com atributos culturais para oferecer uma viagem turística a altura, o que faz de Majune cada vez mais aconchegante e destino de escala obrigatória para quem alcança a Província do Niassa.

